

PIÉRON, H. — *A Sensação*, Publicações Europa-América, col. Saber, 1981, 137 páginas.

A partir da 6.^a edição publicada por *Presses Universitaires de France* com o título original *La Sensation* foi agora editada entre nós esta obra de Henri Piéron.

Tema antigo que imediatamente nos evoca Fechner e Weber, dois investigadores cujo papel foi decisivo na introdução da medida em psicologia, proporcionando a esta disciplina uma progressiva afirmação do seu estatuto enquanto ciência do comportamento.

Um longo mas frutuoso caminho foi percorrido desde então. Daí a importância que nos parece ter este livro de Piéron sobre um dos processos psicológicos fundamentais, básico quer relativamente aos processos cognitivos em geral, quer enquanto mediador no «complexo jogo de trocas» entre o organismo e o meio em que o mesmo se move; e, tal como nos lembra o autor, «a ciência só existe na análise».

Assim, e evocando o autor, «a sensação é uma abstracção que resulta de um esforço de análise, mas uma abstracção necessária, pois a consideração das realidades complexas só pode levar à confusão».

É bem esse esforço de análise que está patente em todo o livro, revelando até à exaustão os complexos mecanismos e processos que subjazem ao comportamento humano (e apenas a este, uma vez que o estudo não é extensivo a outros organismos animais), tornando-se um verdadeiro capítulo da psicofisiologia, ou, como diz o editor, uma pequena enciclopédia sobre o assunto.

Ainda que se trate de uma abordagem sobre a sensação humana, o autor começa por «precisar o lugar da sensação no ciclo do conhecimento, desde a estimulação até à reacção perceptiva e à adaptação correlativa do comportamento».

Aqui assume particular importância a exposição sobre cada um dos mecanismos subjacentes ao próprio conhecimento perceptivo (estimulação, excitação, sensação, grupos de sensações e estruturações perceptivas). De forma extremamente clara, e através de uma precisão de linguagem bastante reveladora dos

interesses do autor (e absolutamente necessária a uma obra deste tipo) é estabelecida a distinção entre aqueles conceitos, os quais são ilustrados por múltiplos exemplos retirados da prática científica de investigadores colocados em diversas áreas do conhecimento.

Contributo decisivo para a investigação ao nível daqueles processos, tem sido o constante aperfeiçoamento e sofisticação dos «métodos electrofisiológicos de exploração», os quais são evocados pelo autor a propósito da eficácia da estimulação e da correlativa reacção do organismo: a excitação. É precisamente a excitação sensorial nas suas diversas modalidades (táctil, vibratória, térmica, álgica, estatodinâmica, sonora, luminosa, sávida e odorante) o tema do 2.^o capítulo.

Trata-se de uma exacta «visão» do caminho percorrido por determinada mensagem sensorial e mais precisamente sobre os processos através dos quais um estímulo adequado, exercendo a sua acção sobre determinado tipo de receptores, se torna significativa para o sujeito; a tal ponto, e só possível devido à enorme diversidade de receptores específicos que o sujeito, relativamente por exemplo às modalidades álgicas comumente chamadas «sensações de dor», pode perfeitamente perceber e estabelecer a diferença entre uma picada, arranhadura, golpe, contusão ou queimadura.

É evidente que determinada estimulação só é eficaz se provocar no organismo uma reacção, isto é, uma sensação («uma forma de conduta ou uma modificação consecutiva de certos comportamentos»). No dizer do autor, quando a estimulação, demasiado fraca para provocar uma excitação que desencadeie a mensagem sensorial, aumenta o bastante para atingir o limiar, a sensação conserva-se fraca; mas, à medida que a estimulação cresce a sensação aumenta até ao ponto de a sua intensidade se tornar insuportável. Por outro lado, existe todo um conjunto de elementos que assumem uma importância fundamental nas estruturações perceptivas: são os «elementos qualitativos fornecidos pelas sensações», os quais geralmente se apresentam «sob a forma de complexos sincréticos globalmente identificados» (o sabor de um alimento,

a voz dum amigo, a cor amarela dum campo de trigo, etc.).

Estas duas linhas de análise são outros tantos capítulos do presente livro (aspectos quantitativos e aspectos qualitativos da sensação). Por um lado, expõe-se a noção de intensidade sensorial, passando pelos vários aspectos que a determinam até à sua forma de apreciação; por outro lado, são abordados os seus aspectos qualitativos, nomeadamente no que concerne às tonalidades sonoras, às cores e aos odores, enquanto qualidades elementares ou complexos sincréticos perceptivos, susceptíveis de guiar o comportamento do sujeito.

O 5.º e último capítulo do livro refere-se aos aspectos espaço-temporais da sensação. «*Por meio da sensibilidade dos músculos, dos tendões e das articulações o organismo é capaz de orientar os seus vários membros, executar reacções motoras perfeitamente graduadas e, dum modo geral, integrar seqüências de movimentos*». Trata-se do estudo sobre a especialização táctil e proprioceptiva, cuja abordagem é parte integrante da função tempo/espaço, relativamente à temática geral da obra.

Por fim, gostaríamos de fazer ressaltar das conclusões do autor, a «*ligação*» que este estabelece à teoria da informação e à cibernética, a qual transmite ao tema um valor heurístico difícil de encontrar em trabalhos deste tipo.

MANUEL F. ROSA

SERGE MOSCOVICI, *L'âge des foules*, Paris, Fayard, 1981, 503 páginas.

S. Moscovici, nome bem conhecido da psicologia social experimental europeia, para a qual tem contribuído com trabalhos notáveis, designadamente no que se refere ao estudo das representações sociais e ao papel das minorias activas é, por outro lado, autor de obras mais próximas do ensaio filosófico, caracterizadas por uma maior desenvoltura na formulação das hipóteses e na descrição dos fenómenos relevantes. São exemplos desta vertente ensaios como *A sociedade contra a natureza* (1972) e *Homens domésticos e homens selvagens* (1974), já traduzidos em português. Ricas na visão englobante e interpretativa que traduzem, não têm nem pretendem ter o rigor de estudos como *A psicanálise, a sua imagem e o seu público* (1961) ou *A Psicologia das minorias activas* (1979), baseados numa metodologia científica irrepreensível.

A era das multidões (1981) que acaba de ser publicada em Paris é uma obra que, a uma primeira leitura, se situa na linhagem das obras de pendor especulativo. O autor tem aliás uma consciência muito clara de que o seu estudo se situa no âmbito da proto-

ciência. Mas «*entre a obscuridade sem ideias gerais, isto é, a ignorância, e a obscuridade com ideias gerais, ou seja, a protociência, é sempre preferível uma distância definida a uma distância indefinida, pois é melhor saber de onde se parte e para onde nos dirigimos*» (p. 496). É a partir da protociência que se formulam com efeito as hipóteses decisivas para a constituição da ciência. E sob esse aspecto, *A era das multidões* surge, a uma segunda leitura, como uma obra de grande densidade heurística, e inclusivamente com uma vocação de revolução paradigmática. Uma das teses centrais que nela se aborda tem a ver com a constituição de uma psicologia social mais primordial, que seria a psicologia das massas, como quadro de referência para a articulação do indivíduo e da sociedade. Mais, «*a psicologia das multidões seria a ciência da sociedade em geral, visto que as multidões se encontram em todo o lado. E tal como as leis de energia comandam as leis da química, da electricidade ou da biologia, também as leis da psicologia comandam as da sociologia, da política e até da história. Elas são pois mais gerais*» (p. 211). Isto significa também que uma condição de aprofundamento da psicologia social decisiva para a superação da crise com que se debate passa por um retorno à psicologia das multidões, criada por G. Le Bon (1895) e por G. Tarde (1903) e continuada por S. Freud (1922), «*o seu melhor discípulo*». É a essa tarefa que *A era das multidões* se consagra. O livro de Moscovici pode ser considerado como um longo comentário de 500 páginas à «*obra ao negro do Dr. Sigmund Freud*», ou seja, às suas obras tardias como *Totem e Tabu*, *O futuro de uma ilusão*, *A psicologia das massas e a análise do eu*, *Mal-estar na civilização* e *Moisés e o monoteísmo*, e que tantas reservas têm suscitado inclusivamente entre os seus discípulos e continuadores mais directos. Para Moscovici este segundo Freud corresponderia porém à formulação de uma outra teoria psicanalítica, que, por analogia com a relatividade de Einstein, aqui é designada como teoria psicanalítica generalizada, correspondendo a teoria psicanalítica restrita a um objecto predominantemente individual, num horizonte de interacção limitado à constelação familiar. Numa fórmula muito sugestiva escreve Moscovici que o problema central da teoria restrita é saber *como é possível ser-se uma criança humana* enquanto que para a teoria generalizada o problema é sobretudo *como é possível ser-se pai* (p. 303). Na leitura de Moscovici o segundo Freud aparece largamente reabilitado e tornado inclusivamente mais profundo do que o primeiro Freud. A esta releitura Moscovici pouco aliás irá acrescentar e, quando tal sucede, é sempre no rigoroso prolongamento do que já implicitamente na obra de Freud se contém.

Freud aborda pela primeira vez o problema da psicologia social em 1921, no seu ensaio *A Psicologia*

das Massas e a Análise do Eu. É aí que afirma que a psicologia das massas é a mais antiga psicologia humana, de que a psicanálise não é mais do que uma aplicação. Mas é também neste ensaio que ele inaugura uma nova posição científica. «Le Bon tinha-se contentado em descrevê-las (as massas). Tarde em analisá-las, ou dizer o que elas são. Nesta obra Freud tenta explicá-las, dizer por que razão elas são o que são. Uma tal passagem é capital para a ciência» (p. 295).

O comentário de Moscovici desenvolve-se assim partindo da releitura que ele igualmente faz das obras inaugurais de Le Bon e de Tarde para prosseguir em seguida com a análise de Freud e culminando na formulação de novas hipóteses para a constituição de uma protociência das massas.

O retorno a Le Bon e a Tarde, indispensáveis para a compreensão do próprio Freud, comporta dificuldades extracientíficas difíceis de superar por virtude das ligações que de imediato se estabelecem com os leitores mais assíduos, sobretudo de Le Bon, e que foram Hitler e Mussolini. E não apenas leitores mas discípulos atentos e aplicadores zelosos. Ambos os pensadores franceses nutriam muito pouco entusiasmo pela democracia e viam na emergência das massas mais perigos do que benefícios para a humanidade.

Para além dos aspectos ideológicos, acresce ainda que as obras destes autores dificilmente se poderão reclamar de científicas, já que se limitam a observações dispersas e de forma alguma sistemáticas sobre movimentos sociais e históricos nem sempre vívidos e presenciados pelos autores de uma forma directa. Por essas e outras razões há muito que os manuais de psicologia social omitem toda e qualquer referência àqueles autores ou, quando o fazem, é apenas para sublinhar, muito rapidamente, os seus aspectos mais pejorativos. E dessa forma se ignora a influência real exercida pela obra daqueles autores e, sobretudo, quais as razões que poderão estar na base dessa influência. Para além dos aspectos ideológicos e para além de um elitismo porventura datado, há que reconhecer que eles constataram a emergência de um fenómeno característico dos tempos modernos, sendo os primeiros a tentar a sua caracterização e a recomendar algumas terapias para lhes fazer face. É essa preocupação alarmada e tão difundida no princípio do século que, aliada à explosão demográfica e à implosão urbana, à emergência dos meios de comunicação e ao sufrágio universal, à democracia, e sobretudo ao grande afrontamento que foi a Primeira Guerra Mundial e os movimentos revolucionários e contra-revolucionários que se lhe seguiram, é tudo isso que irá ser pensado por Freud, contribuindo para a formulação da sua teoria.

A descoberta capital de Le Bon é que os indivíduos quando reunidos em massa deixam de se comportar de uma forma racional, transformando-se em

seres emotivos, com reacções próprias dos «primitivos, das mulheres e das crianças». As massas são «impulsivas, sugestíveis por um lado e por outro extremistas. A sugestibilidade quer dizer que são vulneráveis a todos os impulsos, a todos os instintos do interior e reagem sem se dominarem a todas as estimulações do exterior» (p. 151).

Para «explicar» a sugestibilidade Le Bon recorre à hipnose, fenómeno então recentemente descoberto e cujo enigma igualmente muito iria interessar Freud.

Entretanto G. Tarde introduz uma distinção entre *multidões naturais*, descritas por Le Bon, e *multidões artificiais*, dotadas de estabilidade e continuidade no tempo.

A passagem à *multidão artificial* faz-se por via da organização e por isso o papel do chefe torna-se decisivo. «Se o essencial de uma multidão disciplinada e organizada é a natureza do chefe, é ele que importa conhecer» (p. 226). A organização não é mais do que o processo que permite a imitação do chefe por forma eficaz e, conseqüentemente, da sua reprodução. A organização é possível através da comunicação social que transforma as massas em públicos. Tarde seria sem dúvida um dos grandes precursores da psico-sociologia desses «*valium do povo*» que é a comunicação social.

Para Tarde as massas organizadas são mais «perigosas» do que as espontâneas. E elas tanto podem estar ao serviço do poder estabelecido como da revolução. Tudo depende em última instância das «*minorias activas*» de que Moscovici se ocupará sistematicamente nos estudos experimentais, papel que, segundo ele, seria igualmente reconhecido por um pensador como Gramsci, ao estabelecer uma distinção entre repressão e hegemonia e ao fazer depender esta última de grupos minoritários dirigentes.

Freud dá igualmente prioridade às *massas artificiais*, ou seja, às massas com líder. Os dois exemplos por ele escolhidos no estudo de 1921 são a Igreja e o Exército. Freud vai porém mais longe do que Le Bon ou mesmo Tarde porque para ele a explicação em psicologia só será aceitável em termos de causas exclusivamente psicológicas e não de outras que lhe sejam exteriores. Freud é um anti-reduccionista conseqüente. Quando ele aceita pois a caracterização da sugestibilidade das massas, proposta por Le Bon, imediatamente se pergunta porquê, rejeitando a explicação do hipnotismo porque insuficientemente analisada, porque tal explicação no fundo não é explicação nenhuma, antes substitui um termo por outro. A explicação proposta por Freud traduz-se na introdução de um novo conceito que faz a mediação entre o indivíduo e as massas. Esse conceito é o conceito de *libido*, princípio de explicação da psicologia colectiva. Mas há que distinguir entre *libido narcísica* e *libido erótica*. A *libido* que está na base da psico-

logia social, que explica a formação dos grupos sociais, é a libido erótica. É ela que vence a libido narcísica. «As multidões são compostas, em princípio, por indivíduos que para nelas participarem venceram as suas tendências anti-sociais ou sacrificaram o seu amor de si. E contudo no seu centro encontra-se um personagem que é o único a ter conservado essas tendências e até a tê-las exageradas» (p. 335). E em vez de ser o hipnotismo que explica o comportamento das massas são antes os mecanismos subjacentes à sua formação que explicam o hipnotismo. «A hipnose, escreve Freud, pode em rigor ser designada como uma multidão de dois; nessa multidão de dois é necessário que o sujeito que sofre a sugestão esteja animado de uma convicção que repousa não sobre a percepção ou o raciocínio mas sobre uma ligação erótica.» (S. Freud, *Essais de Psychanalyse*, p. 156).

Como se adquirem, porém, os interditos? Como é possível que os indivíduos renunciem à sua libido narcísica e cedam à libido erótica? Para Moscovici o que Freud escreveu é inacabado pelo que há que completar a sua teoria estabelecendo uma continuidade entre a noção de identificação e a noção de imitação. A noção de identificação introduzida por Freud, talvez com insuficiente elaboração, serve para especificar a noção de libido erótica.

Moscovici elabora a noção distinguindo entre dois tipos de identificação: a identificação geral e a identificação restrita. A identificação geral traduz-se pelo acto de imitar e reproduzir um modelo e comporta três facetas: a repetição, a simulação e a apropriação. É a identificação geral que está na base dos fenómenos do conformismo. Ela tem algo comum com o instinto da morte, mas da morte do indivíduo, entende-se, que ocorre com a sua recondução ao social. Por seu turno a identificação restrita é a que corresponde à libido erótica e que conduz à formação do super-eu. Estamos assim em presença de uma dualidade entre dois factores dinâmicos: Eros e Mimesis. Mas com uma diferença: «No que respeita ao indivíduo a tendência erótica toma a dianteira sobre a tendência mimética: no que respeita à massa é o inverso.» Por outras palavras, e como resumirá Moscovici numa frase de sabor laciano: «O que Eros começa, a Mimesis acaba» (p. 355). Estamos no centro do argumento desenvolvido na «Era das Massas». Recolhendo uma sugestão de Elias Canetti (1960), outro filósofo que reflectiu profundamente sobre a problemática das massas, mas que se pode igualmente detectar no ensaio de Freud, vê Moscovici como motivação psicológica fundamental para a renúncia à libido narcísica e posteriormente para a identificação, uma pressão para a igualdade. «Há uma tensão que nunca abranda entre uma tendência para uma relação exclusiva e incomparável e a tendência para uma relação idêntica e comparável. Que-

relíamos ser como mais ninguém. Ao mesmo tempo queremos que mais ninguém seja como outros» (p. 356). A resolução deste conflito leva a uma situação muito próxima do Contrato de Rousseau, aquilo a que Moscovici designa como *democracia negativa*: renuncia-se aos desejos próprios e às ambições mais caras a fim de obrigar toda a agente a fazer o mesmo sacrifício (p. 358).

Mas é exactamente o que escreve Freud no seu ensaio de 1921: «A justiça social significa que recusamos a nós próprios muitas coisas a fim de que os outros a elas renunciem por seu turno ou, o que equivale ao mesmo, não as possam reclamar. É esta reivindicação de igualdade que constitui a raiz da consciência social e do sentimento do dever» (*Essais de Psychanalyse*, p. 147).

Mas se esta é a psicologia do homem-massa, do homem que renuncia à sua liberdade a troco da Igualdade, diferente é a psicologia do condutor, ou se se preferir, das *minorias activas*, que afirmam a sua diferença através da liberdade inovadora. Para Moscovici, é nele que Eros incarna. «O segredo da arte do condutor é que ele incarna a ideia perante a massa e a massa perante a ideia» (p. 168). É esta assimetria entre o líder e as massas, entre Eros e Mimesis, que constitui para Moscovici o princípio da dinâmica social.

Aprofundando a análise do condutor distingue em seguida Moscovici dois grandes tipos de líderes: os líderes mosaicos e os líderes totémicos. O critério da divisão é a proibição de fazer imagens. Porque o importante, para o líder mosaico «é o que é dito e não como se diz, e o que os homens devem admirar e respeitar são as ideias superiores e não os indivíduos que as incarnam» (p. 447). Em contrapartida os líderes totémicos «fazem tudo para encorajar o culto da personalidade, procurando criar à sua volta uma lenda ilustrada, carregada de metáforas» (p. 448).

Todo o argumento desenvolvido por Moscovici nos leva a pensar que existe uma grande continuidade entre a sua tese das *minorias activas*, enquanto origem da mudança, e o extenso comentário introdutório à psicologia das massas agora publicado. Numa passagem, quanto a nós muito sintomática, Moscovici escreve que «todas as acções e todos os projectos políticos mantêm intacto o factor da igualdade procurando modificar o factor de liberdade, persuadindo ou forçando os indivíduos a renunciar a ela» (p. 63).

Para Moscovici, tal como para Le Bon, as massas são conformistas, conservadoras, são o locus de uma igualdade inovadora e não uma fonte de mudança social. Esta deve-se sobretudo aos líderes ou, na melhor das hipóteses, às minorias activas, sendo então preferível e desejável o líder mosaico ao líder totémico. É possível que a hipótese de Moscovici esteja eivada de elementos ideológicos anti-igualitários. Mas

nem por isso se pode ignorar a importância do novo paradigma por ele proposto. Moscovici não regressa nem tão-pouco reabilita as teses de Le Bon. A longa reflexão através da obra de Freud conduz ao reconhecimento de que há um elemento de racionalidade nas massas ignorado na obra dos seus primeiros observadores.

A motivação igualitária constitui com efeito uma estratégia que nada tem de irracional. Ela é pelo contrário eficaz na defesa da auto-estima e está possivelmente na base dos mecanismos da identidade social senão mesmo na base dos conflitos intergrupais em torno da questão da legitimidade. É esta a via adoptada por outros psicólogos sociais europeus, como por exemplo Tajfel, na tentativa de explicação dos fenómenos da mudança social. Não se trata aqui de exprimir preferências mas apenas de sublinhar que o passo decisivo na articulação do indivíduo à so-

riedade é dado com a constituição dessa zona de racionalidade imanente à própria psicologia colectiva.

É certo que o ensaio de Moscovici terá limitações. Ele próprio as reconhece e as aponta. Para além do estilo protocientífico há ainda a acrescentar que ele não considera, deliberadamente, a influência das circunstâncias económicas, sociais e históricas. Ora, tal como já tem sido apontado relativamente a Freud, uma epistemologia radicalmente anti-reducionista, que atente apenas causalidades intrínsecas, corre fatalmente o risco de se fechar sobre si própria tornando-se dificilmente falsificável. Daí se segue que as limitações apontadas devam ser a título provisório e de forma alguma reivindicadas como definitivas. Este é o futuro que desejaríamos augurar para esta bela obra de Moscovici que desde já terá o enorme mérito de ter reaberto um novo-velho objecto para a psicologia social.

J. CORREIA JESUÍNO

LIVROS RECEBIDOS

CHÂTEAU, J. — *As Grandes Psicologias na Antiguidade*, Publicações Europa-América, Coleção Saber, edição de 1978, 182 páginas.*

HEISENBERG, W. — *A Imagem da Natureza na Física Moderna*, Livros do Brasil, Coleção Vida e Cultura, edição de 1980, 235 páginas.*

LOPES, J. — *Psicologia ou Psicologias?*, Didáctica Editora, edição de 1981, 291 páginas.*

MORGAN, C. T. — *Introdução à Psicologia*, Editora McGraw-Hill, edição de 1978, São Paulo, 368 páginas.*

MULLER, P. — *A Psicologia no Mundo Moderno*, Livros do Brasil, Coleção Vida e Cultura, edição de 1980, 213 páginas.*

PIÉRON, H. — *A Sensação*, Publicações Europa-América, Coleção Saber, edição de 1974, 137 páginas.

REIZINHO, E. J. C. — *Introdução à Pedagogia—Teoria e Prática*, Publicações Europa-América, Coleção Saber, edição de 1980, 208 páginas.*

TRAN-THANG — *Estádios e Conceito de Estádio de Desenvolvimento da Criança na Psicologia Contemporânea*, 1.º volume, Edições Afrontamento, Biblioteca das Ciências do Homem, edição de 1981, 325 páginas.*

* Nos próximos números de PSICOLOGIA apresentaremos a respectiva recensão das obras acima referidas.